

A BIFURCAÇÃO DA NATUREZA E O ESPAÇO COMO EVENTO: OS CONTATOS DE ERIC DARDEL COM ALFRED WHITEHEAD

Francyjonison Custodio do Nascimento¹

Resumo: A obra de Eric Dardel tem sido revisitada ao longo das últimas décadas, seja para potencializar interpretações geográficas ou para uma melhor compreensão da própria obra. Neste último modo, é comum estudos que busquem compreender a obra dardeliana a partir de seu círculo de afinidade, enfocando seus contatos com os filósofos. Este artigo se coloca neste caminho ao analisar os contatos entre Eric Dardel e o filósofo Alfred Whitehead, descortinando a influência deste último no primeiro. Para tanto, fez-se uso de um levantamento bibliográfico, estabelecendo o diálogo entre ambos ao enfatizar as ideias de espaço como evento e bifurcação da natureza. Apesar das poucas citações de Whitehead na obra dardeliana, é possível encontrar afinidades que são essenciais na referida obra e que ressoam na Geografia atual.

Palavras-chave: Epistemologia da Geografia. Natureza. Espaço. Eric Dardel. Alfred Whitehead.

THE BIFURCATION OF NATURE AND SPACE AS AN EVENT: ERIC DARDEL'S CONTACTS WITH ALFRED WHITEHEAD

Abstract: Eric Dardel's work has been revisited over the last few decades, either to enhance geographic interpretations or to better understand the work itself. In the latter way, it is common for studies that seek to understand Dardelian work as of its circle of affinity, focusing, above all, on his contacts with philosophers. This article, then, aims to analyze the contacts between Eric Dardel and the philosopher Alfred Whitehead, unveiling the influence of the latter on the former. Therefore, a bibliographic survey of both authors was used, establishing a dialogue between them by emphasizing the ideas of space as an event and bifurcation of nature. Despite the few quotes by Whitehead in the Dardelian work, it is possible to find affinities that are essential in that work and that resonate in contemporary Geography.

Keywords: Epistemology of Geography. Nature. Space. Eric Dardel. Alfred Whitehead.

LA BIFURCACIÓN DE LA NATURALEZA Y EL ESPACIO COMO EVENTO: LOS CONTACTOS DE ERIC DARDEL CON ALFRED WHITEHEAD

Resumen: El trabajo de Eric Dardel ha sido revisado durante las últimas décadas, ya sea para mejorar las interpretaciones geográficas o para comprender mejor el trabajo en sí. De esta última forma, es común que los estudios busquen comprender la obra dardeliana desde su círculo de afinidad, centrándose en sus contactos con filósofos. Este artículo, así, tiene como objetivo analizar los contactos entre Eric Dardel y el filósofo Alfred Whitehead, desvelando la influencia de este último en el primero. Por ello, se utilizó un relevamiento bibliográfico, estableciendo un diálogo entre ellos

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Departamento de Artes, Natal, Brasil, francyjonison.custodio.079@ufrn.edu.br, <https://orcid.org/0000-0001-9078-8097>

enfazando las ideas del espacio como evento y también dela bifurcación de la naturaleza. A pesar de las pocas citas de Whitehead en la obra de Dardel, es posible encontrar afinidades que son esenciales y que resuenan en la Geografía actual.

Palabras clave: Epistemología de la Geografía. Natureleza. Espacio. Eric Dardel. Alfred Whitehead.

Introdução

A obra *O Homem e a Terra*, de Eric Dardel, foi publicada no início da segunda metade do século XX e, após alguns anos “escondida”, influenciou o processo de reconfiguração da Geografia nas décadas posteriores, a qual, comumente, se denomina Geografia humanista ou Geografia humanista cultural (GOMES, 2010; HOLZER, 2016). O referido livro, escrito em 1952, não foi teve grande repercussão no seio da ciência geográfica da época já que Dardel era considerado um *outsider* da Academia, tanto por lecionar sempre no ensino secundário – ainda que tenha produzido uma tese de Doutorado – como também pela sua obra, que aparece majoritariamente em semanários cristãos ou revistas teológicas. Aliás, segundo Besse (2015), num contexto da guerra e da política francesa da época, Dardel decidiu não se inscrever na Universidade, para não participar do Estado; e seus anseios sobre Filosofia e História encontravam interlocutores no próprio ambiente familiar. Besse (2015) comenta, ainda, que o próprio Dardel se colocou fora das discussões geográficas ao abordar uma temática diferente da Geografia vidaliana que tinha a primazia na sua época. Assim, *O Homem e a Terra*, apesar de pontuais citações em alguns trabalhos, somente chegou ao grande público em 1986, numa tradução para o italiano, e em 1990 numa republicação encabeçada por Philippe Pinchemel (MALANSKI, 2015).

O que importa, contudo, é sua difusão nos estudos geográficos que buscavam novas abordagens (GOMES, 2010). Na verdade, ela tem sido interesse dos diversos campos do saber, tais como a Ecologia, a Arquitetura, a História ou qualquer área que pretende compreender a relação Homem-Terra sob um olhar existencial (MARANDOLA JR, 2015). De fato, na obra dardeliana, há uma negação das propostas meramente cientificistas e racionalizantes da ciência que apenas pretendiam

conceitualizar, mensurar e calcular, priorizando uma compreensão matematizante dos aspectos geográficos (CLAVAL, 2014). Indo além de negações do regime científico vigente, a obra dardeliana é, claramente, uma proposta de repensar a ciência geográfica, passando a dar primazia à experiência de mundo do ser humano. Tal primazia proporcionou a compreensão do espaço geográfico como uma realidade material e não como uma entidade abstrata bem como visou promover a consciência terrestre do ser humano, isto é, o saber-se ligado à terra (DARDEL 2015; HOLZER, 2016).

De fato, inúmeras são as contribuições do projeto dardeliano para uma nova reconfiguração da Geografia da segunda metade do século XX: a opção de uma linguagem poética e a interrelação com a literatura e as artes; uma compreensão plural, holística da relação Homem-Terra, ao questionar certo tipo de “cientificidade” como única via para a construção do conhecimento geográfico; uma inclusão de renovadas bases filosóficas, como o Existencialismo e a Fenomenologia; entre outras coisas. Neste último aspecto, com efeito, vários filósofos serviram de base para Eric Dardel. Entre os mais conhecidos, estão autores como Merleau-Ponty, Lévinas, Heidegger, Bachelard e Nietzsche (LÉVY, 1996).

Para melhor compreender o projeto dardeliano de Geografia, então, é preciso ir às suas fontes, aos seus interlocutores, aos autores convocados ao diálogo pelo geógrafo francês. Afinal, na ciência geográfica, cada autor possui uma “comunidade científica”, um círculo de afinidade de geógrafos e de autores de outros campos, com o qual estabelece ligações diversas e que acabam influenciando sua produção intelectual; e um dos modos de compreender um autor e suas contribuições é conhecer sua comunidade científica. Com efeito, esta última é compreendida por meio de uma leitura interseccional de fatores internos e externos à ciência geográfica de um determinado contexto, delineando como tais fatores contribuem na construção de uma corrente do pensamento geográfico ou na obra de um autor específico. Desse modo, continuidades e descontinuidades epistemológicas em relação às produções da época, contato com outras ciências, posicionamentos a respeito da ciência e afiliações institucionais são levadas em consideração no entendimento da comunidade científica (BERDOULAY, 2017).

Aliás, nos últimos anos, muitos são os esforços empreendidos a fim de compreender o círculo de afinidade de Eric Dardel, sobretudo de filósofos, com o propósito de entender os pressupostos e as bases que o projeto dardeliano pode legar à ciência geográfica (SOUZA, 2013; DAL GALLO; MARANDOLA JR, 2015; LIMA, 2018; DAVIM; MARANDOLA JR, 2020). Entretanto, esse é um caminho que, mesmo já vislumbrado, precisa ainda ser trilhado com mais profundidade e afinco, pois são vastas as contribuições epistemológicas da geografia dardeliana. Com efeito, investigar a comunidade científica de Dardel tem muitas entradas, tanto pelas diversas possibilidades de contatos que podem se desenvolver com os já citados filósofos como também pelas explorações epistemológicas que podem ser realizadas com outros filósofos da comunidade científica dardeliana.

É inegável, pois, que os filósofos anteriormente citados e já estudados tenham exercido grande influência na obra dardeliana. Contudo, outras influências, ainda que mais tímidas, não podem ser desprezadas ou menosprezadas, caso se queira compreender a obra de Eric Dardel. É o caso, por exemplo, de Alfred North Whitehead. Com efeito, mesmo que Whitehead não esteja incluído no rol dos autores ligado à Fenomenologia ou ao Existencialismo, é possível encontrar a influência whiteheadiana em *O Homem e a Terra*. As citações de Whitehead na referida obra, mesmo que pontuais, são fulcrais, pois tratam de assuntos vitais tanto na geografia dardeliana como na ciência geográfica em geral, tais como a noção de espaço geográfico e a pretensa dicotomia sociedade-natureza.

Aliás, é preciso frisar que, quando se trata da Geografia de Eric Dardel, o valor da enumeração bibliográfica pode enganar (LÉVY, 1996). De fato, como bom heideggeriano (DAL GALLO; MARANDOLA JR, 2015), Dardel não se submete ao pensamento calculador, ao domínio estrito do cálculo e às suas consequências na sociedade moderna. Assim sendo, é preciso estar atento também àqueles autores que são valorizados, apesar do pouco número de citações, como é o caso de Whitehead. Nesse sentido, além dessa presença direta de Whitehead na obra dardeliana, é possível vislumbrar também sua influência no que diz respeito a compreensão da ciência moderna, preocupação central do projeto dardeliano para a Geografia.

Além do mais, como apontam Davim e Marandola Jr (2020), a obra dardeliana é construída por uma trama complexa. Ela não revela, de forma explícita, as suas referências fundantes. De tal modo, essas últimas são mantidas, de certa forma, num plano de fundo do texto. Isto implica na necessidade de realizar um exercício investigativo que permite desvelar suas referências e, por consequência, potencializar a compreensão do projeto dardeliano e de suas aberturas para fazer e pensar novas possibilidades na ciência geográfica. Os autores, ainda, afirmam que, para esse propósito, há a necessidade de primar pelo exercício de intertextualidade hermenêutica, buscando compreender, na construção epistemológica da filosofia geográfica de Dardel, a presença de autores – nem sempre nítida.

Este artigo, assim, se coloca nesta busca e objetiva compreender a influência whiteheadiana em *O Homem e a Terra*, a fim de entender as bases da obra dardeliana e, por conseguinte, a pertinência e a importância dessas bases para a Geografia contemporânea. Para tanto, iremos passear pela obra de ambos os autores, procurando as confluências e esclarecendo a relação entre ambos. Desse modo, vamos, brevemente, elencar alguns pontos do pensamento de Whitehead e posteriormente traçaremos as afinidades epistemológicas com o projeto dardeliano de Geografia, explicitadas pelo próprio geógrafo francês e seus intérpretes, levando em conta o contexto da obra de Dardel.

Whitehead: bifurcação da natureza e evento

Alfred North Whitehead (1861 – 1947) foi um filósofo e matemático britânico. Pesquisador na área da filosofia da ciência, o autor estava ligado, primeiramente, a lógica, física e matemática bem como desenvolveu a chamada teologia do processo. Whitehead era, de fato, um autor com interesses diversos e, conseqüentemente, sua obra é bastante heterogênea. Matemática, filosofia, teologia: uma miríade de temáticas que orbitam entre estas áreas compõe o trabalho de Whitehead. O estudo dessas diversas áreas, entretanto, não se dá de maneira segregada, individualizada. O trabalho de Whitehead se configura como interdisciplinar. Daí, aliás, as pesquisas

sobre a obra whiteheadiana serem igualmente interdisciplinares, envolvendo, para além da Filosofia e da Matemática, a Ciência da Religião, a Educação, a Administração, a Psicologia, a História, o Direito e os estudos de Ciência e Tecnologia (DIAS MARIANNO, 2019).

Não obstante a isso, mesmo com o trabalho na área de matemática com Bertrand Russel (*Principia mathematica*), foi suas incursões na filosofia da ciência, epistemologia e na filosofia da natureza que resultaram maiores contribuições. Entre suas influências, o próprio autor cita, entre vários nomes da Filosofia, Bergson, William James e John Dewey (WHITEHEAD, 2010). Para além de sua vasta obra, segundo Stengers (2002), Whitehead realizou, na verdade, uma aventura metafísica, uma espécie de revolução copernicana ao aprofundar-se na filosofia da ciência e torna-se um filósofo especulativo, descolando-se de uma ciência meramente abstrata, isto é, que negligencia a observação da realidade, a qual era a tônica da vez no início do século XX. Até mesmo sua pesquisa lógica e matemática criticaria o que era chamado de materialismo científico e seus três conceitos-chave: espaço, tempo e matéria. Graças a sua afeição pela Antiguidade Clássica, sua produção intelectual conta ainda com uma espécie de história das ideias metafísicas na civilização ocidental (WHITEHEAD, 2006).

O trabalho de Whitehead, com efeito, possuía poucas reverberações no início do século XX. Isto porque ele não criou, em vida, uma “escola de pensamento” e tampouco permitiu-se ser inserido nas categorizações dicotômicas de seu tempo: filosofia analítica e continental. Apesar disso, nas últimas décadas, houve uma retomada de sua filosofia. Justamente por isso, o filósofo britânico exerceu grande influência nos estudos de autores considerados importantes para o período contemporâneo, tais como Bruno Latour, Maurice Merleau-Ponty, Gilles Deleuze e Steven Shaviro (SILVA E SILVA, 2019). Na Geografia, pode-se citar, além do próprio Eric Dardel, as frequentes e vigorosas citações na obra de Milton Santos e as inspirações para as recentes geografias mais-que-humanas (DARDEL, 2015; SANTOS; 2006; WHATMORE, 2006). Tal influência não se dá à toa, posto que Whitehead é um grande “criador de conceitos” – o que favorece, não obstante a sua

“marginalidade”, uma inclusão nos diversos campos do saber que pretendem compreender a realidade via especulação ou conceitualização (STENGERS, 2002).

Desta vasta obra de Alfred Whitehead, uma das grandes contribuições do filósofo britânico é a proposta da introdução da metafísica no campo da ciência, num movimento de conflito epistêmico com o positivismo lógico e todo o legado dualista cartesiano (VERLEY, 2002). Era, de fato, um crítico do positivismo e tentou oferecer subsídios metafísicos à ciência moderna a partir de pressupostos pré-kantianos. Destaca-se ainda aquelas contribuições que a teologia do processo promoveu com o conceito de evento bem como a noção de bifurcação da natureza, advinda de suas preocupações com a filosofia da natureza e seus problemas epistemológicos.

Bifurcação da natureza, de fato, é um conceito central na obra whiteheadiana. O cerne da reflexão filosófica de Whitehead, com efeito, repousa na crítica dirigida às categorias fundamentais da ciência moderna, principalmente no tocante ao conceito de natureza e à pretensa separação entre sujeito e objeto (SILVA E SILVA, 2019). Segundo o próprio Whitehead (1994), essa bifurcação é uma espécie de obsessão da filosofia moderna, cuja a base seria solapada sem essa compreensão. Ela surge, pois do dualismo cartesiano, que tem as inconciliáveis *res cogitans* e *res extensa* como polos. Assim sendo, o pensamento cartesiano postulava substâncias materiais com relações espaciais e substâncias mentais.

É justamente por isso que a chamada “bifurcação da natureza”, explica Latour (2006), é o pensamento que advoga pela separação do mundo em dois. A ciência moderna, com efeito, propôs este mundo cindido, dividido. É necessário abraçar esta recusa decisiva da separação entre Natureza e Humanidade, que tem impactado a ciência e a política desde a aurora do modernismo. A posição de Whitehead diante disso é de uma insistência martelar: se a natureza não é bifurcada, o conhecimento a respeito dela tampouco pode ser (LATOUR, 2006).

Indo diretamente a Whitehead (1994), podemos perspectivar a bifurcação da natureza como a compreensão da realidade dividida em dois sistemas. Assim, ela se divide em certeza científica, de um lado, e ilusão sensorial ou adição psíquica, de outro. Num polo, a natureza real com suas qualidades; no outro, o que os sentidos captam da “natureza real”. Desse modo, o primeiro polo seria composto pelo que

estaria na “natureza”, na matéria de que o mundo é formado, das ditas “coisas reais” e que as qualidades – chamadas de primárias – seriam totalmente independentes da existência de um observador, um sujeito externo a elas; o segundo polo, por sua vez, seria composto por qualidades que nós atribuímos a estes elementos do mundo, chamadas de qualidades secundárias. A bifurcação da natureza, então

baseia-se parcialmente na admissão implícita de que a mente só pode conhecer aquilo que ela mesma produziu e de alguma forma conserva dentro de si, embora exija uma razão extrínseca tanto para originar como para determinar o caráter de sua atividade. (WHITEHEAD, 1994, p. 40).

Assim, na bifurcação da natureza, há uma espécie de proeminência do imperativo do saber em apenas um polo. Afinal, enfatizar exageradamente a mente e a forma com que ela constitui ou constrói mundos significa dar peso demasiado ao sujeito. A grande questão é que, nessa concepção da bifurcação da natureza, apenas o primeiro polo é digno de ser estudado, é passível de ser estudado pela ciência, ao passo que o outro seria negado este estudo, posto que seria apenas matéria de sonhos e valores – e, sendo assim, não teria espaço no mundo da ciência (WHITEHEAD, 1994).

Dessa forma, o pensamento whiteheadiano condena a lógica segregacionista, baseada em polos totalmente separados. O filósofo britânico, literalmente, protesta contra essa lógica, pois protestar é o termo utilizado por Whitehead ao criticar a bifurcação da natureza. Para Debaise (2018), aliás, o grande problema da bifurcação da natureza é a reificação. No entendimento do filósofo belga, então, a bifurcação não só separa as ditas qualidades primárias e secundárias, mas se desenvolve numa rejeição de qualidades secundárias ou pelo menos uma redução em seu status, negligenciando-a. Nessa espécie de redução, foram extraídas da natureza todas as dimensões associadas às qualidades secundárias, mais explicitamente as dimensões estética e sensível.

Assim sendo, a bifurcação da natureza privilegiava um aspecto em detrimento do outro. Há, desse modo, um paradoxo, um problema aparentemente insolucionável. Tal distinção, de fato, proporcionava que a compreensão de que o conhecimento só seria possível como tentativa de aproximação das qualidades primárias pelas

qualidades secundárias, isto é, das coisas em si pelas suas diversas representações. Eis aí o que Whitehead identificou como o verdadeiro veneno do pensamento moderno (STENGERS, 2002). Com efeito, a postulação de uma separação artificial entre o sujeito e o mundo, uma das marcas do pensamento moderno, foi uma construção meramente teórica que, aos poucos, foi sendo problematizada e até mesmo desconstruída por filósofos e outros pensadores. A natureza tomada como objeto assim como o ser humano perspectivado como aquele sujeito cognoscente apartado do objeto é um dos legados da modernidade. Para a reflexão whiteheadiana, um péssimo legado.

Alfred Whitehead, então, também lembra como a “natureza” não está esvaziada de sentido. Na sua compreensão, não é o ser humano que confere a natureza o seu valor ou o seu sentido. O autor, assim, faz uma crítica a doutrina sensacionalista, a qual afirma que somente o que pode ser creditado à natureza pode ser considerado verdade. Ela seria apenas uma precipitação material, sem fim e sem significado. Um mundo amórfico esperando o homem para lhe dar ordem e sentido. É necessário o caráter objetivo e subjetivo para a reflexão filosófica (VERLEY, 2002).

É até poética a forma como Whitehead explica esse enlace do subjetivo e do objetivo. Para ele, tanto o brilho vermelho alaranjado do arrebol como as moléculas e as ondas elétricas são a natureza. Ainda que o “o homem das ciências” se prenda ao segundo aspecto, não se pode apenas escolhê-lo e negligenciar os sentidos. Ambos fazem parte do fenômeno que se quer explicar, interpretar. É justamente isso que Whitehead critica ao apontar a bifurcação da natureza. Ele se antagoniza a qualquer separação entre sujeitos e objetos. Até mesmo as abstrações produzidas pelos sujeitos sobre a natureza, também é natureza. Há uma espécie de simbiose.

Assim, Whitehead valoriza a noção de experiência. Para ele, um conjunto de fatores de caráter experiencial auxilia na construção do pensamento. Experiência e pensamento racional não são excludentes: crença, valores, emoções, consciência e a própria natureza constitui a experiência (WHITEHEAD, 1987). O autor, assim, reconhece a importância da experiência, posto que ela não se resume aos limites da razão. Na concepção de Whitehead, então, antes de compreendermos as coisas, elas nos tocam. Com efeito, para o autor inglês, o afeto precede a cognição (SHAVIRO,

2009). Aliás, a experiência é compreendida como um conjunto aberto e a ideia de limites ou de fronteiras não tem mais sentido (VERLEY, 2002). Com efeito, para o autor, seja na ciência ou na reflexão filosófica, a experiência é primordial – sem que, com isso, se faça dela a única necessidade para a construção do pensamento. Com efeito, na sua concepção, é impossível excluí-la.

No seu entendimento, não pode haver sujeito sem experiência (WHITEHEAD, 2010). Para o autor, com efeito, a relação sujeito/objeto é a estrutura fundamental da experiência. Daí a pertinência desta no processo de recuperação do sujeito sem negligenciar a objetividade. Ainda que “resgatado”, o sujeito não é a fonte de toda consciência e verdade. O subjetivismo não encontra lugar no pensamento whiteheadiano. Do mesmo modo, para o autor britânico, a capacidade de perceber também é admitida no processo de conhecer. Nesta reflexão, assim como Kant e Husserl, Whitehead não nega a subjetividade. Propõe, aliás, que é impossível pensar sem ela. Negando os postulados cartesianos e do idealismo subjetivo, o autor britânico, se valendo do pensamento de William James, concebe outro entendimento sobre a subjetividade – não mais identificada com a consciência (WHITEHEAD, 2010).

O fato é que, como dito anteriormente, Whitehead pensa o objetivo e o subjetivo juntos. Não é à toa que o autor britânico reclama, entre esses dois aspectos, entre o sujeito e o objeto, uma conectividade (VERLEY, 2002). Na verdade, o próprio Whitehead reconhece que o termo técnico da filosofia “relação sujeito/objeto” é inadequado, posto que estaria muito ligado a compreensão aristotélica de sujeito que, segundo o próprio autor, influenciou o materialismo da ciência moderna. O fato é que, para além disso, é necessário reforçar a reflexão sobre a indissociabilidade do sujeito e do objeto. Whitehead (2010) propõe, então, a noção de superjeito (*superject* no original), isto é, um sujeito que também é assujeitado, um sujeito que emerge do mundo. Do mesmo modo, os chamados objetos da natureza também são superjeitos e a relação objeto/sujeito, efetivamente, está fora do seu vocabulário e da sua forma de pensar (SHAVIRO, 2009).

Essa reflexão é a mesma de Merleau-Ponty (2000), leitor de Whitehead como nos sugere Martins (2009), que joga luz no já citado legado da modernidade que cindiu a interpretação da realidade. O filósofo francês, ao pensar na noção de

kosmotheorico, faz ressoar o entendimento de Whitehead ao explicar que no mundo, “tudo” é também sensibilidade. Esta última não pode ser expulsa, defenestrada, pois toda a realidade sente e é sentida. Do mesmo modo, ressoa a compreensão whiteheadiana de que é impossível separar Homem e mundo na reflexão filosófica, que há apenas uma atividade cerebral – como se corpo e mente não estivessem interligados, sobrepostos, para usar o termo de Whitehead (1988). Há uma certa amálgama, para além da primazia do sujeito “cognoscente”. De certo modo, há uma tonalidade afetiva. Whitehead aposta, então, na relação, no entendimento de que o sujeito não pode ser isolado de sua relação com o objeto e, assim, transformado em sujeito transcendente. O autor rechaça, então, a ideia de sujeito como centro, a posição de egolatria (VARLEY, 2002). Não é possível, portanto, compreender o mundo de forma segregacionista, fatiada. Para além do que sugeriu os modernos, o mundo, enquanto processo, é um todo (WHITEHEAD, 2010).

Um outro conceito interessante de Alfred Whitehead é o de evento. Para o filósofo britânico, o mundo não seria composto por substâncias estáveis e imutáveis, mas por processos (WHITEHEAD, 2010). Há, então, o que Whitehead chama de concrecência: algo completamente novo que foi adicionado ao mundo. Este último está sempre no processo de vir a ser, um “tornando-se”, um *becoming*. Há sempre uma novidade; o devir é a dimensão mais profunda do ser e o que é aparentemente sólido e permanente é, na verdade, um evento. O mundo, na concepção whiteheadiana, é feito de eventos, e nada além de eventos: acontecimentos em vez de coisas, verbos em vez de substantivos, processos em vez de substâncias (SHAVIRO, 2009). Como relembra Milton Santos (2006), a ideia de movimento, de processo é essencial em Whitehead. De fato, o pensamento whiteheadiano pensa a natureza como evento (ou ocasião) e nunca como uma substância já dada. Do mesmo modo, o evento, explica o filósofo, sempre exerce uma função de relação (WHITEHEAD, 1994).

É interessante notar que o conceito de evento está intimamente relacionado com a experiência de mundo, da natureza. Na compreensão whiteheadiana, explica Shaviro (2009), a percepção não acontece com o sujeito-já-constituído, mas, em vez disso, é algo que constitui o sujeito no realizar aquela percepção. Na verdade, para

ser fiel aos termos whiteheadiano, não se trata de percepção, mas de apreensão, isto é, o nexos entre os campos relacionais que comumente chama-se de sujeito e objeto. Como se vê, Whitehead não só propõe novas formas de pensar, mas, como já dito, sugere novos conceitos para compreender a realidade.

Dardel e Whitehead em diálogo

A princípio, é preciso recordar que todo conhecimento geográfico é produzido sob/sobre/com contextos específicos. Há, assim, um caldo cultural na construção do projeto dardeliano de Geografia. Não se pode esquecer que Dardel também é filho de seu tempo, ainda que se queira voltar a ele ao tentar responder aos desafios da geografia contemporânea. Desse modo, com Claval (2014), é preciso ter em mente o “mal-estar” da Geografia francesa que Eric Dardel vivenciou e, com seu trabalho, tentou responder.

Para Claval (2014), com efeito, a geografia francesa dos anos 1940 e 1950 é marcada por um alargamento da disciplina com olhares voltados para o mundo urbano, a economia e as questões políticas bem como confrontada pela transformação da realidade, impulsionada pelo pós-guerra. Com isso, as bases teóricas produzidas no início do século já não respondiam com tanto vigor essas transformações. Surge, então, uma miríade de novas contribuições a este mal estar instaurado na França. Entre essas contribuições, aponta Claval (2014), estão André Cholley, Pierre George, Jean Dresch, Michel Philipponneau e, com um menor alcance editorial, o próprio Eric Dardel. Este último, germanista e com uma familiaridade com Heidegger, respondeu ao já citado mal estar com a proposta de uma Geografia como reflexão sobre a maneira como vive este mundo em transformação. Para esta reflexão, como já exposto, Eric Dardel não se limitou aos geógrafos. Mesmo com várias citações de autores da Escola Francesa de Geografia, Dardel (2015) buscou aportes teóricos em outras ciências e, sobretudo, na Filosofia.

Outro ponto pertinente a ser recordado é que *O Homem e a Terra* foi publicado originalmente numa enciclopédia filosófica, a *Nouvelle Encyclopédie Philosophique*, que foi organizada por Émile Bréhier, filósofo e grande historiador da filosofia. A pedido

de seu cunhado filósofo, Henri Corbin, o qual influenciou o pensamento, Dardel escreveu uma obra que, de certo, era convocada a ter inclinações filosóficas e compor um trabalho para uma área interdisciplinar. Daí pensar que, de certo, as inúmeras citações de filósofos também se impunham, para além do estilo próprio de Dardel, conhecido como alguém de cultura filosófica (PINCHEMEL, 2015). Assim, para além da inscrição social e histórica da obra, o meio da divulgação científica também deve ser levado em consideração. Este último aspecto não explica totalmente os diálogos com os filósofos, mas ajuda a compreender a dinâmica das influências dardelianas. Outro ponto que sugere o contato com os filósofos é a já mencionada influência de Henri Corbin, que foi o primeiro tradutor de Heidegger para o francês. De fato, como aponta Besse (2015), Dardel utilizava muitas palavras do vocabulário heideggeriano e justamente aquelas que Corbin traduzira para o francês. Esse contato intelectual, que também era familiar, foi vital para o emprego de termos como habitar e geograficidade.

Dito isto, voltemos o nosso olhar para o projeto dardeliano e aos seus contatos com a obra whiteheadiana. Assim como Alfred Whitehead, Eric Dardel era, pode-se dizer, um antipositivista. O primeiro, como vimos anteriormente, criticava uma geometrização da ciência, isto é, a visão de que apenas as coisas que podem ser analisadas geometricamente são reais. O segundo, por sua vez, faz a mesma crítica e usa, inclusive, um vocabulário similar para esta avaliação.

Eric Dardel (2015), de fato, tinha a compreensão de que a Geografia, longe de prolongar a aquela do seu contexto, não deveria se resumir ao medir e calcular a terra ou o espaço geográfico. É clara a crítica aos geógrafos contemporâneos e às suas preocupações com uma ciência “exata”, com a tentativa de se apoderar do mundo pela medição e análise. É dessa crítica que surge a proposição de espaço, um dos conceitos-chave de *O Homem e a Terra*. Dardel, de fato, opõe espaço geográfico ao espaço geométrico. Ao passo que este último é uniforme, neutro, vazio de conteúdo, o primeiro é único, singular e “[...] tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade.” (DARDEL, 2015, p.2). O espaço geográfico, assim, devido a sua singularidade, não se submete a geometrização do mundo, como apregoavam alguns contemporâneos de Dardel, se afastando do movimento geral de modelização espacial dos fenômenos

que era comum no século XX (BESSE, 2014). Para o pensamento dardeliano, o espaço geográfico é substancial, necessariamente material:

Por toda a parte o espaço geográfico é talhado na matéria ou diluído em uma substância móvel ou invisível. Ele é a falésia, a escarpa da montanha; ele é a areia da duna ou a grama da savana, o céu morno e enfumaçado das grandes cidades industriais, a grande ondulação oceânica. Aérea, a matéria permanece ainda matéria. O espaço “puro” do geógrafo não é o espaço do geômetra: é o azul do céu, fronteira entre o visível e o invisível; é o vazio do deserto, espaço para a morte; é o espaço glacial da banquisa, o espaço tórrido do Turquestão, o espaço lúgubre da landa sob a tempestade. [...] Esse espaço material não é, de forma alguma, uma “coisa” indiferente, fechado sobre ele mesmo, de que se dispõe ou que se pode descartar. É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça a liberdade humana (DARDEL, 2015, p. 7-8).

Com efeito, a materialidade do espaço geográfico, no projeto dardeliano, é exposta sempre numa relação de negação com a abstração da geometria. O espaço geográfico, então, é a própria matéria, que afeta o ser humano e é afetado por ele. Há uma confluência entre ambos, uma cumplicidade. Aliás, esta adesão de via dupla, esta congenialidade é o que possibilita à sensibilidade humana condições essenciais de apreensão do mundo. (DARDEL, 2015; NASCIMENTO; COSTA, 2021). A geografia, destaca o próprio Dardel, oferece voos livres à sensibilidade. É justamente por causa desta cumplicidade que o geógrafo francês afirma existir uma tonalidade afetiva entre o Homem e o espaço, a paisagem.

Eis aqui uma clara aproximação entre Dardel e Whitehead. Se, para o segundo, há uma tonalidade afetiva entre sujeito e objeto; para Dardel, há uma tonalidade afetiva entre o ser humano e paisagem (VERLEY, 2002; DARDEL, 2015). Para quem julga a nomenclatura ser importante no processo de meditação geográfica, a escolha do termo “tonalidade afetiva” não pode ser mera coincidência. Ainda que o termo também esteja em outra referência dardeliana, Martin Heidegger², o sentido evocado por Eric Dardel está vinculado à proposição whiteheadiana. Com efeito, há essa ligação inescapável, uma relação que afeta carne e sangue, para usar as palavras do próprio Dardel (2015) e a proposição de Whitehead, como vimos, se dá no sentir, naquilo que é acessível aos sentidos e envolve a totalidade do ser humano, tal como a proposição dardeliana.

Mais uma aproximação entre Whitehead e Dardel, na esteira da negação da ciência dita moderna, está na objeção e rejeição da dicotomia entre real e objetivo e, por consequência, entre aparência e ilusão. Há, no geógrafo francês, a nítida

² Heidegger desenvolve esta questão em *Ser e tempo*.

compreensão de que as aparências não nos enganam, que elas seriam apenas um mundo de ilusões. Do mesmo modo, no seu entendimento, o objetivo e o neutro não são sinônimos de “verdade”, não são imbuídos do valor essencial para a compreensão da realidade (DARDEL, 2015). Para o autor, esse pensamento dicotômico é uma mal-estar, uma perturbação. Neste “distúrbio” entre as duas ordens, está a ordem da realidade concreta, mais momentânea; noutra, está a ordem do real: “[...] abstrata e universal, resgatada pelo método científico.” (DARDEL, 2015, p. 96). Diante desse pensamento, retoricamente, refletindo sobre os mares, pergunta o geógrafo francês:

No nível do fenômeno, lá onde suas transparências, seus reflexos, suas ondulações agem sobre nossos sentidos e nossa imaginação? Ou no nível do esquema que provém da análise físico-química? É a onda que “vemos” ou a molécula, é o átomo que “concebemos” que devemos atribuir o valor essencial? A ciência não visa a realidade das coisas, mas sua “possibilidade”, não sua “natureza”, mas sua composição. (DARDEL, 2015, p. 96-97).

Assim, na meditação geofilosófica de Dardel, o pensamento entre as duas ordens da realidade é contestável. Essa oscilação é infundada. Na sua reflexão, o saber geográfico, de um lado, está nos fenômenos geográficos e, concomitantemente, no pensamento sobre estes fenômenos e nas relações estabelecidas entre eles. Usando as expressões dardeliana, o saber está, ao mesmo tempo, no que “vemos” e no que “concebemos”. Promovendo um diálogo com a filosofia especulativa de Whitehead, Dardel valoriza igualmente as qualidades primárias e secundárias para a compreensão da realidade geográfica.

Dardel (2015) ressoa aqui também a negação whiteheadiana da divisão artificial homem-natureza. Essa discussão é vital no período atual, pois, nas últimas décadas, há um consenso no que diz respeito a necessidade da negação de interpretações binárias e dualistas, que dicotomizam a sociedade e natureza no seio da ciência geográfica (SANTOS, 2006; SOUZA, 2019). Na realidade, há o desejo epistêmico de repensar as inúmeras relações: entre os próprios seres humanos, entre os humanos e não-humanos e entre os humanos e a Terra (WHATMORE, 2002). Essa necessidade, esse desejo, carece de reflexões que oportunizem o fim dessas

interpretações e busquem evidenciar o enlace do Homem-Terra, a compreensão da experiência terrestre do ser humano (DARDEL, 2015).

Dardel (2015), então, nega a compreensão que bifurca a natureza, aquela que se divide em certeza científica, de um lado, e ilusão sensorial, de outro. Algumas perguntas retóricas de *O Homem e a Terra*, mais uma vez, ilustram isso:

Quem tem razão aqui, a ciência que tende a reduzir o mundo a um mecanismo ou a experiência vivida que se apropria do mundo exterior ao nível do fenômeno? E como rejeitar, sem mais restrições, como falsas aparências essas que surgem ao nosso encontro, [...] despertando nossa sensibilidade ao fantástico do mundo? (DARDEL, 2015, p. 23).

O projeto dardeliano de Geografia, portanto, rejeita todo o estatuto científico que negue a aparência dos fenômenos geográficos, tratando-a como falsa ou ilusória. O sensorial não é ilusão, mas compõe um novo *corpus* científico que valoriza a experiência sensível, aquilo que, no pensamento whiteheadiano, é chamado de qualidade secundária. Assim como é para Whitehead, a experiência também é vital para a geografia de inspiração dardeliana.

Como fruto dessa crítica ao pensamento de duas ordens, está aquilo que Dardel (2015) chamou de “frio isolamento cósmico”, isto é, a atitude do Homem como contemplador imparcial do mundo, desarraigado, sem ligações vivas com a Terra. Como se o ser humano pudesse viver apartado do mundo. Na verdade, a Geografia, decreta o geógrafo francês, é sempre *humana*: “Mesmo a geografia física ou biológica é humana sob todos os aspectos.” (DARDEL, 2015, p. 87), posto que é impossível apagar ou dissolver a subjetividade do sujeito que faz – participa! – da Geografia e da realidade geográfica. Mais uma sintonia com o pensamento whiteheadiano, para quem a subjetividade não pode ser apagada da ciência. Neste ponto, Dardel converge a Whitehead. Ambos pensam na pertinência de incluir a subjetividade e a objetividade no processo de conhecimento.

Em Dardel, de fato, o ponto de vista do “sujeito” nunca é totalmente eclipsado. Isso se deve à impossibilidade de eliminar qualquer valor estético ou moral do espaço geográfico e da Geografia, ainda que visto sob as lentes daqueles pretensamente preocupados com a objetividade ou com a neutralidade. É impossível apagar “[...] a

subjetividade do sujeito para quem a realidade se torna realidade” (DARDEL, 2015, p. 87). É justamente por isso que Dardel (2015) argumenta, sem nenhum receio de parecer antropocêntrico ou subjetivista, que a geografia é uma visão humana sobre a Terra e um certo discernimento pessoal do geógrafo será sempre necessário. Há uma reverberação da ideia whiteheadiana, na qual o que se chama comumente de sujeito não pode ser isolado de sua relação com o objeto. Desse modo, não só os fenomenólogos, mas também Whitehead interfere na compreensão dardeliana de sujeito que emerge do mundo e só pode existir vinculado a ele.

Contudo, a subjetividade não está sozinha. Assim como Whitehead, Dardel (2015) também critica o cartesianismo que promoveu a possibilidade de assumir, de modo pleno, a subjetividade, “[...] no sentido de que aceitou como fundamental a verdade da certeza interior do seu [...]” (DARDEL, 2015, p. 91). O geógrafo francês, inclusive, recorre a Paul Ricoeur, para se remeter a uma vertigem da objetividade, enfatizando que a objetividade, *per si*, falha na compreensão da realidade. Para Dardel (2015), é preciso lembrar que a total objetivação da realidade geográfica provoca o desencantamento do mundo, um saber banalizado e, conseqüentemente, atos de soberania e aniquilação, inclusive de vidas humanas.

Assim, na senda dardeliana, como já comentado, é impensável tanto a prominência do objeto a se revelar soberanamente como a primazia do olhar do geógrafo que o analisa o mundo, com a certeza do seu Eu interior. Há a negação, então, do objetivismo “pré-moderno” e subjetivismo “moderno”. Para Eric Dardel (2015), ambas as posturas são, assim como são para Whitehead, um péssimo legado para o universo científico, posto que é uma maneira míope de compreender o mundo.

Assim, é preciso levar em consideração tanto os aspectos objetivo e subjetivo para compreender a relação Homem-Terra. Afinal, a experiência, central tanto para Dardel como para Whitehead, é sempre interpessoal. É inconcebível, na meditação geofilosófica de Dardel, uma relação despersonalizada; há um apelo pela experiência de interrelação entre o espaço e o ser humano (BESSE, 2014). Para usar um termo usual em Dardel e já comentado anteriormente, há uma tonalidade afetiva.

As concepções e conceitualizações whiteheadianas provocam inúmeras reverberações nas ciências para além dos próprios conceitos e com Dardel isto também aconteceu. Uma das principais é a noção de que a chamada natureza é um processo. Tal noção reflete na compreensão de que, como processo, a natureza é também epocal, isto é, histórica. Assim sendo, ela teria uma origem temporal, depois foi se desenvolvendo e consolidando nos mais diversos regimes de existência, até se confundir – quase que totalmente – com a experiência moderna. Aliás, pensar como a natureza foi “criada” pelos modernos, refletindo sobre as técnicas e abstrações para esta criação, é uma das potências do trabalho whiteheadiano, segundo Debaise (2018).

Dardel (2015), com efeito, compreende a realidade geográfica e os caminhos que trouxeram as múltiplas formas de existência. O que Whitehead pensava para a natureza, Dardel aplicou para a realidade geográfica: ela é epocal. Não é à toa que o geógrafo francês traça, não uma história da Geografia, mas uma história de como os seres humanos vivenciaram o espaço geográfico. Longe de um inventário de marcos históricos da ciência geográfica e seus aportes filosóficos, Dardel propõe maneiras de conceber como os seres humanos estão envolvidos com a realidade geográfica, as formas de ser e estar no mundo, até o período moderno. Desse modo, o que Dardel (2015) faz é nos contar o caminho do despertar e do desdobrar de uma consciência terrestre do ser humano. Ao fazer isso, Dardel joga luzes nessas formas e passa a conceber as práticas, técnicas e abstrações humanas para se chegar no período da geografia moderna, científica. É a partir dessa concepção epocal que se pode propor outras vias, outras geografias, novas maneiras de pensar a Geografia. Assim, as chamadas geografias mítica, profética, heroica e das velas desfraldadas é menos uma periodização sobre o desenvolvimento do edifício institucional da Geografia do que o reconhecimento da realidade geográfica como um “dado” epocal, numa abertura ao aspecto temporal da realidade geográfica.

Não obstante todos esses diálogos entre Dardel e Whitehead e as referências implícitas do primeiro, o contato mais explícito entre ambos está numa citação do filósofo inglês na obra dardeliana. Na única citação de Whitehead em *O Homem e a Terra*, numa passagem pouco comentada de obra pode-se ler:

Movimento, combate, acontecimento, todo esse dinamismo deixa-se adivinhar no espaço concreto da Terra. A intuição especulativa de Whitehead, para quem o próprio espaço está relacionado a eventos, está muito próxima da visão do poeta Victor Hugo crê surpreender, sob a forma de dois rochedos gotejados pela espuma marinha, “dois combatentes suando”: muito próxima da linguagem cotidiana que deixa passar algo dessa experiência elementar da realidade-acontecimento. A alta montanha “se ergue” acima do vale e “se destaca” do maciço vizinho, valorizada pelas vertentes que “lhe fazem face”. A localização dessa montanha é resultado dessas relações recíprocas entre lugares-acontecimentos. Como evitar abrir assim a espacialidade geográfica para a perspectiva temporal? (DARDEL, 2015, p. 39).

O geógrafo francês evoca o nome de Whitehead e o seu conceito de evento para se remeter à realidade geográfica. Na realidade, Dardel (2015) convoca a ideia de evento para o espaço geográfico. O conceito de espaço é central não só para Dardel, mas para Whitehead também. Este último, aliás, se valendo das reflexões de Bergson, também pensa o espaço numa dimensão relacional, se opondo ao espaço vazio e imóvel de Descartes.

Curiosamente, inclusive, de acordo com Besse (2015), Eric Dardel pensa no espaço como categoria central de sua produção intelectual, se distinguindo da Geografia de seu tempo que privilegiava a geografia regional. Essa escolha, pontua Besse (2015), advém da Filosofia e não diretamente da Geografia francófona do tempo de Dardel, mais afeita aos conceitos de meio, paisagem e região. Não há certeza, contudo, em que autor ou escola do círculo de afinidade dardeliano está amparada tal escolha. Não se pode concluir se é da chamada filosofia do espaço heideggeriana ou se da filosofia especulativa de Whitehead. Não obstante essa dúvida, o que importa frisar é que a ideia de evento ilumina o conceito de espaço dardeliano.

O conceito de evento está interligado, então, à noção de fluidez, de dinamismo. O espaço, portanto, é sempre algo em movimento. Nunca algo fixo e imóvel. Assim como, para Whitehead, o mundo não seria composto por substâncias estáveis e imutáveis; para Dardel, o espaço também não o é. O devir é a dimensão mais profunda do espaço e, conseqüentemente, como afirma o próprio Dardel (2015), é impossível evitar, na espacialidade geográfica, uma perspectiva temporal, isto é, de mudança, de

transformação. Não à toa, Dardel (2015) usa o exemplo do dinamismo tectônico, sempre em processo e constituído por relações diversas, para qualificar o espaço como evento.

Como vimos, o evento, na perspectiva whiteheadiana, se refere ao encontro com a realidade. Não justamente isso que Dardel (2015) propõe ao dizer que o espaço geográfico deve ser concebido não como algo abstrato. Pensar o espaço como esse encontro com a realidade é fulcral no projeto dardeliano. É justamente isso que Besse (2014) relembra ao comentar esta citação whiteheadiana em *O Homem e a Terra: o espaço geográfico não é um simples “objeto” diante um “sujeito”, mas um evento, um acontecimento. O espaço se impõe a minha percepção e, nesta experiência, neste acontecimento, a relação propicia uma essência, uma densidade própria.*

Assim sendo, são as atividades, as práticas, os afetos, as experiências, que produzem o espaço geográfico. Basicamente, isso significa que não há um espaço objetivado, geométrico, mas espaços, sempre no plural, posto que correspondem, como vimos, a modos de viver, práticas, técnicas e abstrações humanas a tecerem variados aspectos do espaço. Este último, sendo um evento, nunca é uma substância já dada e está sempre em processo, no perenemente vir a ser.

Compreender esta dinâmica do espaço como evento é importante, pois, com ele, não há inferências sobre os rebatimentos whiteheadiano na obra de Dardel, mas uma influência clara do filósofo britânico, com desdobramentos importantes no projeto dardeliano de Geografia, como comenta Besse (2014) e o próprio Dardel (2015).

Considerações finais

Revisitar e discutir as fontes de Dardel sempre será um trabalho pertinente e vital, posto que auxiliará a sustentar, com mais vigor, as proposições do projeto dardeliano para a Geografia. De igual maneira, reconhecer as contribuições de Whitehead, dentro deste projeto, ajudará a pôr em prática o sonho de uma Geografia que é, concomitantemente, una e plural. Uma ciência com um objeto próprio – o espaço geográfico – e não mais viúva do espaço, como lamentava Milton Santos. Ao mesmo tempo, uma ciência aberta à variedade de abordagens e de conceitos, híbrida, sem bifurcações. Buscar o legado da filosofia whiteheadiana em Eric Dardel é recordar

a urgência de pensar o ser humano e sua consciência terrestre, sua inescapável condição terrena, que também influencia no fazer geográfico, na produção de todo e qualquer conhecimento geográfico. É pensar o fazer geográfico como a compreensão de um relacionamento com uma “natureza socializada” e não com a “natureza pura”, diluindo ou até mesmo eclodindo as famosas querelas dicotômicas da ciência geográfica: ciência humana ou da terra, nomotética ou idiográfica, centrada no “objeto” ou no “sujeito”. Numa palavra, se valendo do pensamento whiteheadiano, se desvencilhar da bifurcação da realidade geográfica.

Teria Dardel se remetido a Whitehead ao propor uma geografia científica distinta a aquela do período moderno? Não é possível dizer isto de forma incontestada. Outras referências de Dardel postulam o mesmo. Contudo, não é exagero afirmar que esta posição da meditação geográfica dardeliana é influenciada pelo trabalho de Whitehead. Afinal, se Whitehead tem importância substancial para a compreensão filosófica da ciência moderna e seus perigos e erros epistemológicos, Dardel utilizou seus conceitos para propor o mesmo. Contemporâneo de Heidegger, o filósofo britânico também criticou a ciência que se preocupava apenas com os “objetos analisáveis”. Como o autor alemão, também está no círculo de afinidades de Dardel e, com certeza, contribui com a crítica dardeliana a respeito da ciência que apenas queria calcular e medir.

De fato, a fragmentação epistemológica é um fantasma que ronda a ciência e, de certo modo, é uma das marcas da ciência moderna. Dardel, de muitos modos, foi combativo a essa fragmentação. Criticou fortemente, como vimos, o que chamou de pensamento de duas ordens. Apropriar-se desses elementos fundamentais de reflexões geofilosóficas proporcionou esse entendimento e, como podemos ilustrar, Whitehead foi importante nessa construção teórica.

Dardel, ao postular a realidade geográfica como epocal, também é fundamental para a reflexão de uma Geografia que não se prenda nas dicotomias modernas e consegue responder aos anseios de nosso tempo, com suas crises sociais e ecológicas. Revisitar Dardel e seu esboço histórico dos modos de ser e estar no mundo, partindo da concepção epocal da natureza, então, nos vislumbra as concepções de realidade geográfica que herdamos bem como os porquês e os meios

que a Geografia pode desenvolver para transformar estas concepções - geralmente excludentes e dicotômicas.

Além disso, indicar a pertinência de recordar Whitehead como referência no projeto dardeliano não significa negar o passeio de Dardel pelos filósofos existencialistas e fenomenologistas, mas pensar que, junto a esses, o geógrafo francês fez brotar um diálogo frutuoso com pensadores de sua época, ampliando a sua comunidade científica, seu grupo de contato. A compreensão mais ampliada do círculo de afinidade de Dardel nos ajuda a montar o mapa do seu pensamento potente.

No projeto dardeliano, a geografia responde a um interesse existencial, que visa, entre outras coisas, dissipar a noção do homem como um objeto separado da terra. Esse projeto tem mais chances de ter êxito, se as contribuições whiteheadianas a ele forem levadas em considerações. Eis que aqui um pontapé para isso. O caminho é longo, mas urge caminhar.

REFERÊNCIAS

BERDOULAY, Vincent. **A Escola Francesa de Geografia**: uma abordagem contextual. São Paulo: Perspectiva, 2017.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

BESSE, Jean-Marc. Autour de L'homme et la Terre d' Éric Dardel. EN: LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. **Paisaje y emoción**: el resurgir de las geografías emocionales. Observatorio del Paisaje. Universitat Pompeu Fabra. Barcelona. 2015.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

DAL GALLO, P. M.; MARANDOLA JUNIOR, E. O pensamento heideggeriano na obra de Éric Dardel: a construção de uma ontologia da Geografia como ciência existencial. **Revista da ANPEGE**, v. 11, n. 16, 2016.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DAVIM, David; MARANDOLA JR, Eduardo. Forças em luta: Bachelard e Nietzsche na Geografia de Éric Dardel. **Boletim de Geografia**, v.30, n.2, p. 94-112, 2020.

DEBAISE, Didier. L'invention moderne de la nature: l'héritage bergsonien de Whitehead. **Lo Sguardo**, n. 26, p. 297-307, 2018.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

DIAS MARIANNO, L. A pesquisa sobre Alfred North Whitehead no Brasil. **Das questões**, v. 7, n. 1, p. 68-83, 2019.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: Eduel, 2016.

LA BLACHE, A Geografia humana: suas relações com a Geografia da vida. IN: **Vidal, Vidais: textos de Geografia humana, regional e política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012a.

LÉVY, Bertrand. Hommage à Dardel: au sujet de quelques sources philosophiques et littéraires de L'Homme et la Terre. **Cahiers de géopoétique**, v. 5, 1996.

LIMA, J. S.. Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar. **Geograficidade**, v. 8, 2018.

MALANSKI, L. M.. Éric Dardel - O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. **Terr@ Plural**, v. 9, n.1, p. 135-142, 2015.

MARANDOLA JR., Eduardo. Prefácio à edição brasileira. In: DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MARTINS, P. M.. Natureza, tempo e movimento: Merleau-Ponty leitor de Whitehead. **O Que nos Faz Pensar** (PUC-RJ), v. 1, p. 79-94, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **A natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NASCIMENTO, Francynjonison C.; COSTA, Maria Helena B. V.. A hermenêutica das paisagens: um diálogo entre Geografia e a filosofia de Luigi Pareyson. **Geograficidade**, v.11, n. Especial, p. 112-130, 2021.

PINCHEMEL, Phillipie. Biografia de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 155-159.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA E SILVA, F.. Whitehead's French Readers. **Das Questões**, v. 7, p. 30-39, 2019.

SHAVIRO, Steven. **Without criteria: Kant, Whitehead, Deleuze, and aesthetics**. Cambridge: MIT Press, 2009.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. Geografia e Fenomenologia: Merleau-Ponty e sua influência na Geografia Humana. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 14, n. 46, Jun, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Ambientes e territórios: uma introdução a Ecologia Política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

- STENGERS, Isabelle. Whitehead and laws of nature. **Salzburger Theologische Zeitschrift**, v. 3, n. 2, p. 193-206, 1999.
- STENGERS, Isabelle. **Penser avec Whitehead**: une libre et sauvage création de concept. Paris: Seuil, 2002.
- VERLEY, Xavier. Whitehead et la subjectivité. **Les Études philosophiques**, v.4, n. 63, p. 511-525, 2002.
- WHATMORE, S. **Hybrid Geographies**: Natures Cultures Spaces. London: SAGE Publications, 2002.
- WHATMORE, S. Materialist returns: practising cultural geography in and for a more-than-human world. **Cultural Geographies**, v.13, n.4, p.600-609, 2006.
- WHITEHEAD, A. N. **Simbolismo, o seu significado e efeito**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- WHITEHEAD, A. N. **A função da razão**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988.
- WHITEHEAD, A. N. **O Conceito de Natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WHITEHEAD, A. N. **A ciência e o mundo moderno**. São Paulo: Paulus, 2006.
- WHITEHEAD, A. N. **Processo e realidade**: ensaio de cosmologia Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Francijonison Custódio do Nascimento - Concepção. Coleta de dados, Análise de dados, Elaboração do manuscrito, revisão e aprovação da versão final do trabalho

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Informar conflitos de interesse: financeiros, pessoais, entre possíveis revisores e editores, possíveis vieses temáticos. Para mais informações: https://www.abecbrasil.org.br/arquivos/whitepaper_CSE.pdf

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 14-01-2022

Aprovado em: 22-10-2022